



IMAGINAR REVOLUCIONAR: ESTRATÉGIAS PARA INFLUENCIAR E INFLUIR NOS FLUXOS DE INFORMAÇÃO

Vinicius Souza¹

RESUMO: Qual a diferença entre os “fatos históricos” que ganham fortes representações dentro do imaginário coletivo global e aqueles renegados às notas de rodapé e objetos de estudo em pesquisas acadêmicas sem maior publicidade? Como esse imaginário tem sido construído tradicionalmente e quais as possibilidades atuais de se influir nesse processo? Podem os meios alternativos e a evolução da telemática servirem como ferramentas de inclusão de novas informações e discussões no imaginário coletivo?

PALAVRAS-CHAVE: *Jornalismo; Mídia; Fato; Imagem; Imaginário Coletivo.*

¹ Jornalista, fotógrafo e documentarista independente. Bacharel em Comunicação Social com habilitação em jornalismo pela Faculdade Cásper Libero (1992). Mestrando em Comunicação pela Universidade Paulista UNIP. Currículo Lattes disponível em <http://lattes.cnpq.br/3108474564950958>.

“A dor da gente não sai no jornal”

LUIS REIS e HAROLDO BARBOSA (em *Notícia de Jornal*, música com famosa interpretação de Chico Buarque de Holanda)

“*Gratias Tibi ago, Domine, vidi rem novam* (graças a Deus, vi coisa nova)”

CRISTÓVÃO COLOMBO (como citado por Vilém Flusser em *O Universo das Imagens Técnicas - Elogio da Superficialidade*)

1. A dor que não sai no jornal

Cerca de seis milhões de judeus foram mortos durante a Segunda Guerra Mundial pelo regime nazista. Evidências desse fato podem ser facilmente pesquisadas nos diversos “Museu do Holocausto”, em países como EUA, Alemanha, Israel e até Argentina. A construção da imagem global desse massacre contra um povo foi realizada de maneira rápida, consciente e eficiente pelos vencedores da guerra no ocidente. Tanto que poucos anos após o fim dos conflitos, a Organização das Nações Unidas impôs aos palestinos a criação do Estado de Israel, com suas terras desocupadas da população original por meio de assassinatos e ações de terror que criaram os primeiros campos de refugiados nos países vizinhos. Em 1967, com a Guerra dos Seis Dias, a área ocupada se ampliou à Faixa de Gaza, Cisjordânia, Jerusalém Oriental, Península do Sinai e Colinas de Golã, situação que permanece praticamente inalterada até hoje (com exceção da devolução do Sinai ao Egito em 1982) e segue sendo denunciada pela própria ONU há mais de 40 anos. Apesar desses fatos, foi atribuída aos palestinos, em primeiro lugar e atualmente a todos os mulçumanos, a imagem de “terroristas”. Entretanto, como ponto focal da cobertura da imprensa mundial, foi “impossível” negar aos palestinos a imagem de povo sem Estado, posição essa que lhes garante alguma simpatia internacional apesar da pesada propaganda em contrário.

O território da Caxemira vive “de fato” uma situação muito semelhante, inclusive com coincidência de datas. Em 1947, na esteira dos movimentos de libertação do Império Britânico, definiu-se que o governador de cada estado do subcontinente indiano deveria decidir se seu território faria parte da Índia ou do Paquistão baseado em três fatores: contiguidade territorial, religião predominante e vontade expressa da população². Apesar de ter uma longa fronteira com

² As informações disponíveis aqui foram conseguidas por meio de alguma literatura, incluída na bibliografia, mas principalmente por meio das diversas entrevistas realizadas na Caxemira em 2004 que resultaram em artigos e fotos publicadas em revistas como Carta Capital (<http://mediaquatro.sites.uol.com.br/caxemira-cc.html>), Caros Amigos

o Paquistão e mais de 90% da população mulçumana (Figura 1), o estado da Caxemira era governado pelo marajá hindu Hari Singh que pretendia tornar a região autônoma dos dois países.

Figura 1



Mais de 90% mulçumanos – foto Maria Eugênia Sá – Srinagar, Caxemira, 2004

Mas o território foi invadido por tropas paquistanesas pelo lado ocidental, o que “legitimou” a entrada do exército indiano pelo sul e pelo leste, dando início à primeira guerra entre essas nações e à ocupação do território que permanece até hoje ignorando as dezenas de resoluções da ONU para um plebiscito popular que resolveria a questão. No mesmo ano da Primeira Intifada palestina (1987), as fraudes nas eleições regionais na parte da Caxemira ocupada pela Índia levaram à criação de movimentos separatistas, alguns armados, e à prática de atentados terroristas contra as tropas de ocupação (mais de um milhão de soldados que não comungam/comunicam da língua, comida, religião ou cultura caxemir). Até a recente invasão do Iraque pelos EUA, este era o território com o maior índice de ações suicidas em todo o mundo (Figura 2) e segue tendo milhares de presos políticos, denúncias de prisões arbitrárias, tortura, estupros em massa, etc. Mas a imagem que se apresenta majoritariamente na mídia é simplesmente de um conflito entre Índia e Paquistão, raramente mostrando as posições dos separatistas (há pelo menos 13 grupos diferentes, com diversas estratégias e interesses) e muito menos as ações dos exércitos de ocupação sobre o povo caxemir. Com seu território ocupado por três potências nucleares (a China também ocupa uma parte) e um soldado estrangeiro para cada grupo de dez habitantes, o grito e da auto-determinação não consegue ultrapassar as montanhas do Himalaia.

Figura 2



Cemitério dos mártires – foto Maria Eugênia Sá – Srinagar, Caxemira, 2004

Esse povo, no entanto, não é o único sem estado seu. Os sinti (ou sinto) e roma (ou rom), chamados pelos ocidentais de ciganos, também não possuem uma pátria, assim como os curdos divididos entre Iraque, Irã, Turquia e Síria. O território da Romênia, onde ainda se concentra boa parte dos roma e sinti, jamais teve um governo cigano. A perseguição dessa população por motivos políticos, culturais, étnicos e raciais data de sua entrada na Europa e coincide com a vitória do Império Otomano sobre o Império Bizantino. Mas a data é só uma coincidência. Eles não vieram com os conquistadores, e sim fugindo da perseguição que então sofriam onde hoje estão a Índia e o Paquistão. Mas foi na Alemanha nazista que os roma e sinti foram um dos grupos humanos, únicos junto aos judeus e doentes mentais, escolhidos para o extermínio total na denominada Solução Final (Figura 3).

Assim como os judeus, os sinti e roma foram massacrados às centenas de milhares. No entanto, enquanto é possível levantar nos arquivos o nome, a família, o local e a forma de execução ou tipo de morte de praticamente todos os cerca de seis milhões de judeus que pereceram sob o nazismo, não há sequer um levantamento mais próximo do número real de ciganos mortos pelo Terceiro Reich. A “melhor” estimativa disponível hoje foi dada somente em 1997 (os estudos sobre o massacre dos ciganos só foram iniciados em 1972) pelo Dr Sybil Milton, historiador sênior do *U.S. Holocaust Memorial Research Institute* em Washington: algo entre 500 mil e um milhão e meio de vidas perdidas até 1945³. Há, portanto, uma “margem de

³ É bastante difícil conseguir informação em português sobre o holocausto roma e sinti. Em geral, as informações sobre o tema são colocadas em notas de rodapé ou citadas no corpo dos textos de forma

erro” de um milhão de assassinatos. Não existem museus do holocausto roma e sinti, nunca houve reparações aos sobreviventes e muito menos ofertas de territórios sob proteção de nações hegemônicas. Assim como não há *bestsellers* ou *blockbusters* narrando seu sofrimento. Um dos motivos além do nomadismo, é que ao contrário da tradição das escrituras e, depois, da literatura e do cinema hebraicos, os ciganos nunca conseguiram unificar os mais de 100 dialetos romani numa gramática comum e nem consolidar um dicionário geral. Não têm, desse modo, uma memória coletiva grafada, um registro forte, uma mídia para contar sua história. Falta-lhes a imagem para servir de referência a eles próprios e ao imaginário coletivo.

Figura 3



Menino cigano em antigo gueto judeu – foto Maria Eugênia Sá – Terezin, República Tcheca, 2004

2. Imaginar o mundo real

Certamente existem centenas ou milhares de outros “fatos históricos” que jamais ganharam as manchetes, fotos, filmes, dramatizações, painéis de discussões ou bibliografias recebidas por um simples acidente aeronáutico ou a vitória de um time de futebol em um campeonato nacional. Isso para não falar na divulgação massiva de fotos e vídeos de telecelebridades efêmeras de “*reality shows*”. No entanto, esses fatos sem imagens atingem diretamente e diariamente milhões de pessoas no mundo todo.

semelhante à dada à perseguição nazista aos homossexuais e comunistas, não mostrando seu diferencial que é o caráter racista. Uma das poucas fontes mais ricas são os textos de Ian Hancock, diretor do Centro de Documentação e Arquivos Roma da Universidade do Texas em Austin, EUA.

É possível citar diversos outros exemplos com os quais nos deparamos nos últimos anos, muitas vezes de maneira acidental:

- O Brasil é proporcionalmente o país com a maior incidência de novos casos de hanseníase em todo o mundo (Figura 4), com quase 40 mil casos por ano, e segundo em números totais, perdendo apenas para a Índia⁴;

Figura 4



Muitos hansenianos ainda escondem a doença com medo do preconceito
foto Maria Eugênia Sá – Bragança Paulista, Brasil, 2003

6

- Mais de 85% das mortes por arma de fogo na Colômbia não têm qualquer relação com guerrilhas ou tráfico de drogas (Figura 5), que ocupam a maior parte das manchetes naquele país e na mídia mundial⁵;

Figura 5

⁴ Tivemos o primeiro contato com a questão da hanseníase em Angola em 2002, onde paradoxalmente soubemos da situação no Brasil. Não existe justificativa de saúde pública para a incidência de tal número de casos no país, já que a doença tem seu tratamento gratuito e cura definidos há vários anos e está praticamente erradicada do restante da América Latina. Acompanhamos e pesquisamos a questão no Brasil por dois anos e conseguimos publicar em 2005 um artigo de capa na Revista da Folha, (disponível no endereço <http://mediaquatrosites.uol.com.br/hansen-folha.html>) com um bom apanhado de dados sobre a doença no Brasil e no mundo.

⁵ Conseguimos essa informação em 2004 com os profissionais da ONG Médicos Sem Fronteiras que entrevistamos na Caxemira, onde possuem um excelente trabalho de saúde mental com a população que sofre de stress permanente devido à ação dos exércitos ocupantes e grupos guerrilheiros. Alguns também haviam prestado serviço na Colômbia, onde a ONG tinha um trabalho junto às vítimas de violência urbana. O mote serviu para a nossa primeira viagem à Colômbia, ainda em 2004, que resultou em artigos e fotos publicados nas revistas Caros Amigos (<http://mediaquatrosites.uol.com.br/colombia-ca.html>) e Carta Capital (<http://mediaquatrosites.uol.com.br/colombia-cc.html>), além de uma exposição no V Fórum Social Mundial (<http://mediaquatrosites.uol.com.br/fsm.html>) em 2005.



Jovens feridas por balas perdidas em baile na periferia
foto Maria Eugênia Sá – Cali, Colômbia, 2004

- A cidade murada de Terezin na República Tcheca, famosa por ter sido um gueto judeu que serviu de “cenário” para uma visita e “documentários” nazistas com o objetivo de “provar” à Cruz Vermelha que os judeus “estavam sendo bem tratados”, tornou-se depois da Guerra um campo de concentração controlado pelos russos onde foram presos e executados homens, mulheres, crianças e velhos simplesmente por sua origem germânica⁶; e por aí vai.

A pergunta que se impõe, então, é: qual a diferença entre os “fatos históricos” que ganham fortes representações dentro do imaginário coletivo global e aqueles renegados às notas de rodapé e objetos de estudo em pesquisas acadêmicas sem maior publicidade? E mais, como esse imaginário tem sido construído tradicionalmente e quais as possibilidades atuais de se influir nesse processo? Podem os meios alternativos e a evolução da telemática servirem como ferramentas de inclusão de novas informações e discussões no imaginário coletivo?

Enquanto não estivermos imersos no universo das imagens sintéticas apregoado por Vilém Flusser, no qual desprezaremos o mundo “objetivo” e nossos corpos físicos aos cuidados de robôs automatizados e nos concentraremos na concretude da subjetividade (superficialidade), criando colaborativamente e dialogicamente as imagens-sonhos nas quais viveremos, temos apenas duas opções nesse mundo pré-cibernético: ou somos criaturas passivas consumindo as

⁶ Passamos duas semanas na cidade em um workshop de fotografia em 2001 que resultou na exposição fotográfica *Reminiscências de Terezin* (<http://mediaquatro.sites.uol.com.br/terezin.html>). Na época, os sobreviventes germânicos do campo russo começavam um processo para busca de indenizações junto ao governo tcheco. O assunto, contudo, era quase um tabu e infelizmente já não possuímos os jornais tchecos que traziam essas histórias e nem conseguimos espaço na imprensa brasileira para publicar esse material. Ainda assim uma breve menção ao episódio aparece atualmente no verbete *Theresienstadt concentration camp* da Wikipedia (http://en.wikipedia.org/wiki/Theresienstadt_concentration_camp) “After the victory of the Allies in 1945, Theresienstadt was used by Czech partisans and former inmates to hold German SS personnel and civilians as retaliation for their atrocities”, acessado em 04/07/2009.

imagens técnicas (textos, narrativas, fotos e vídeos) que nos são apresentadas pelos “meios de comunicação” unidirecionais (especialmente o cinema, a televisão, o rádio e os portais de Internet, mas também os jornais e revistas hegemônicos) e somos consumidos por elas; ou nos tornamos criadores ativos, produzindo novas informações e imagens, e principalmente distribuindo-as introduzindo-as nos grandes fluxos de informações de modo a influir na percepção geral que a humanidade tem de si mesma. E, com sorte, talvez impulsionando alguma ação sobre a realidade objetiva.

A nossa situação face às imagens é esta: as imagens projetam sentidos sobre nós porque elas são modelos para o nosso comportamento. Devemos entusiasmar-nos, para em seguida codificar nosso entusiasmo em determinados gestos. Os modelos funcionam porque mobilizam em nós tendências recalcadas, e porque paralisam as nossas faculdades críticas e adormecem a nossa consciência. Passamos a vivenciar, valorar, conhecer e agir como sonâmbulos ou como fantoches. Quando conseguimos mobilizar nossas faculdades críticas a fim de nos emancipar da hipnose, as nossas críticas não atingem a vivência concreta. [...] Nossos gestos passam doravante não apenas a se constituir como reações às imagens, mas passam a dirigir-se igualmente rumo às imagens. [...] As imagens apanham os nossos gestos graças a determinados aparelhos (câmeras, marketing, pesquisas de “opinião pública”) e os transcodificam em programas: nutrem-se de gestos que elas próprias provocaram. [...] Queremos e fazemos o que as imagens querem e fazem, e as imagens querem e fazem o que nós queremos e fazemos. Efetivamente, podemos vivenciar desde já e em toda a parte tal circuito fechado. [...] Imagens mostram determinados comportamentos (amorosos, consumidores) os quais queremos que sigamos, e nós queremos segui-los e queremos também que as imagens os mostrem. No entanto, o circuito fechado não pode ser efetivamente fechado. Deve ser “alimentado” de fora para não cair na entropia, como sistema fechado. E, de fato, podemos observar quais as fontes que alimentam a circulação aparentemente fechada. (FLUSSER, 2008, 60 - 61).

Para entendermos os mecanismos de seleção das imagens que nos são apresentadas, é preciso retrocedermos na história da cultura e analisarmos seu processo próprio de construção. Conforme Edgar Morin, a cultura surge com a consciência da morte. É a partir desse momento, exatamente para evitar o medo do vazio, do nada (o *horror vacui* a que se referia Dietmar Kamper) que se seguiria à morte, que o homem começa a reconstruir mentalmente as imagens dos acontecimentos passados e difundi-las (primeiro oralmente e depois por meio de outras formas de representação) a outros. Essas imagens de um passado vivenciado individualmente ou em conjunto por um grupo de pessoas constituem os primeiros vínculos de uma proto-sociedade que sobrevive a seus integrantes pela repetida “comunicação” aos novos membros do “fato partilhado”. Assim, a cultura humana seria o ambiente comunicacional onde vivemos.

Com o correr dos anos e a evolução das linguagens, representações e outros sistemas de comunicação passamos a alimentar uma nova esfera (noosfera) que se sobrepõe à nossa original

(biosfera) carregada de signos, símbolos, imagens e mitos. Seres sem uma existência corpórea objetiva, que vivem simplesmente de nossa crença neles, mas que nem por isso deixam de ter uma influência concreta sobre nossas vidas. Afinal, os entes da noosfera não são somente os seres mitológicos como fadas, ninfas e unicórnios, mas também os arquétipos de Jung, as ideias, as religiões, as crenças e as ideologias como capitalismo e comunismo.

Para Jung, o inconsciente coletivo é a somatória acumulativa de tudo o que foi história, de tudo o que foi cultura, mesmo que não faça mais o mesmo sentido hoje em dia. Assim, mesmo a memória reprimida, volta sempre de outra forma. É nesse inconsciente coletivo que são construídos os mitos, segundo os três princípios do Morin para a noosfera: dialógica, recursão organizacional e hologramática. Com o advento dos meios de comunicação em massa, contudo, surge uma nova organização/representação/ação da noosfera, saindo do imaginário cultural (que tem como referentes o mito, o simbólico e o rito, por exemplo, mas sempre provenientes da experiência com o mundo real) e passando para o imaginário midiático, que é auto-referente e “vampirisa” a noosfera: a midiosfera. De acordo com a professora Malena Segura Contrera, o universo midiático irá construir seu imaginário reapresentando, recontando e resignificando os mitos originais do inconsciente coletivo, mas de forma deturpada e cada vez menos fieis aos originais, já que tem como referência as imagens e não as experiências com o mundo real. Segundo Morin, essa é a característica da segunda revolução industrial, a que massifica o gosto para que seja consumida a produção massificada pela primeira revolução industrial. De fato, como define o professor da Universidade Livre de Barcelona José Manuel Pérez Tornero, a sociedade de massa foi uma criação dos meios de comunicação de massa.

Assim, nossa atual forma de pensar, enxergar e vivenciar o mundo “real” é resultado da massificação de imagens imposta pelos meios de comunicação em massa. Como a função primeira dos meios de comunicação é a sincronização social pela criação de consensos e vivemos num mundo onde a ideologia capitalista se impôs, a televisão, o cinema e os jornais estão presos à lógica da produção capitalista globalizada que é maximizar os lucros e diminuir os custos.

A fabricação de consensos é parte de uma característica muito particular da mídia, e nela inclui-se a atividade jornalística como tradutora de realidades para as quais os grupos sociais apenas as assistem e se incluem nelas por força do sentimento de pertença. [...] O estabelecimento desses consensos em torno dos fatos que noticiam são prova da capacidade sincronizadora e da produção de significação coletiva. (PELEGRINI, 2006, 2)

Os fenômenos comunicativos de massa exploraram e exploram (economicamente, ideologicamente) ao extremo esse poder de cristalização e potencialização simbólica da imagem na criação dos ídolos da cultura pop. Por

isso na publicidade, por exemplo, não se trata apenas de convencer de que o produto oferecido é desejável, mas sobretudo de reiterar à exaustão o poder da própria forma de oferecimento, na própria linguagem “enfeitiçadora” das imagens idólatras. (CONTRERA e BAITELLO JUNIOR, 2006, 119)

Trata-se de um sistema, portanto, voltado para si mesmo e que despreza as novas ideias e informações em favor de “fórmulas de sucesso”, mais baratas e fáceis de produzir. Por isso é muito mais simples e rápido introduzir no mercado um “novo” sanduíche em uma grande rede de *fast food*, do que a noção da inviabilidade a longo prazo da criação de gado de corte para os hambúrgueres devido, se não à questão moral e ética, à quantidade de energia vegetal que os bois consomem e sua emissão do gás estufa metano, responsável, entre outros, pelo aquecimento global. Por isso, é mais fácil ganhar um Oscar de melhor filme estrangeiro com uma comédia dramática em que um pai mente o tempo todo para o filho sobre sua situação de prisioneiros em um campo de concentração na Itália (obviamente com o final feliz da libertação pelos tanques estadunidenses), do que com um drama “real” envolvendo pobreza, tráfico de órgãos e desagregação familiar no Brasil, independente de suas qualidades técnicas, estéticas e narrativas⁷.

3. Revolucionar o mundo virtual

10

Voltando aos exemplos citados no início desse artigo, na apresentação de uma visão estereotipada e “pasteurizada” sobre a sociedade indiana contemporânea (que sequer pode ser chamada de representação) na atual novela das oito na Rede Globo, não há espaço para discussões sobre os conflitos étnicos, religiosos e políticos ao norte do país, mesmo com alguns dos atores tendo presenciado no início das filmagens atentados terroristas de grande repercussão internacional e imediatamente atribuídos a “terroristas muçumanos da Caxemira apoiados pelo Paquistão” (Figura 6). Também não é possível apresentar na novela o flagelo da hanseníase na Índia, e muito menos traçar paralelos com a situação no Brasil, apesar de um dos principais autores da emissora por muitos anos ter escondido até sua morte, por medo do preconceito ainda hoje existente na sociedade, a sua condição de ex-doente, as perseguições e até as “internações forçadas” (prisões, de fato) que sofreu por causa disso⁸.

⁷ Estamos falando da vitória em 1999 de “A vida é bela”, do ator e cineasta italiano Roberto Benigni, sobre o filme de Walter Salles “Central do Brasil”.

⁸ Marcos Rey, como era mais conhecido, é o pseudônimo de Edmundo Donato, autor de “Memórias de um Gigolô”, e roteirista de dezenas de filmes, séries e novelas exibidas na Globo, como “O Sítio do Pica-pau Amarelo” original e “A Moreninha”. Sua condição de ex-hanseniano só seria conhecida pelo público e até por colegas da emissora depois da publicação em 2004, cinco anos após sua morte, da biografia “Maldição e Glória - A Vida e o Mundo do Escritor Marcos Rey”, de Carlos Maranhão.

Figura 6



“Minoria”, os mulçumanos somam mais de 100 milhões em território indiano
foto Maria Eugênia Sá – Nova Delhi, Índia, 2004

De forma semelhante, a mesma autora da trama Global atual, Glória Perez, em momento algum pensou em introduzir no folhetim “cigano” “Explode Coração”, de 1996, a questão do *Porrajmos*, termo em romani para o holocausto roma e sinti, concentrando-se em simulacros de danças e “magia” ciganos. Quanto à violência comum na Colômbia, o máximo que se viu recentemente de sua sociedade por aqui (excluindo, obviamente, o noticiário dominado pela repetição dos temas drogas, guerrilha e, quando muito, turismo) foi a telenovela “Yo soy Betty, la fea” produzida entre 1999 e 2001 pelo canal colombiano RCN e exibida duas vezes no Brasil pela Rede TV (primeiro entre 2002 e 2003 e depois entre 2004 e 2005) com o título de “Betty a Feia”. Típica reconfiguração da fábula do patinho feio, foi sucesso em vários países da América Latina, teve uma versão mexicana dublada veiculada pelo SBT em 2006, tem uma estadunidense em formato de seriado atualmente em exibição no país pelo canal por assinatura Sony e há a previsão de uma refilmagem “totalmente tupiniquim” pela Rede Record ainda esse ano. É a midiosfera reconfigurando os mitos: pastiche do pastiche do pastiche.

O grande problema é que quando esses assuntos não aparecem na mídia de massa, eles “parecem” simplesmente não existir.

...observa-se essa inversão nas sociedades midiaticizadas onde o fato não-veiculado é fato praticamente inexistente. Inversão essa que se faz na medida em que o ritmo imposto pelo próprio veículo de comunicação se instaura como informação temporal auto-referida; a exemplo do comportamento artístico moderno (em que o próprio autor passa a ser obra viva da estética da performance), a pauta do jornal é mesmo sua forma de noticiar. (CONTRERA, 2000, 54)

Como dizia McLuhan, o meio é a mensagem. E o meio, ou mídia, se tornou uma estrutura supra-humana descolada de valores humanos como ética e moral. Já não há mais, portanto, o cidadão e o homem, mas sim o usuário, o consumidor, a audiência. Nesse sentido, podemos chamar a mídia de aparelho, na acepção flusseriana do termo, e a todos os que colaboram para a sua sustentação e crescimento, incluindo usuário, consumidor, leitor e audiência, de “funcionários”, funcionando em função da máquina.

No final do século XX, no mundo “globalizado”, esse aparelho torna-se onipresente (no Brasil há décadas há mais televisores do que geladeiras ou fogões); e ganha ares de onisciência (já não existe recanto no planeta ou “cultura” de povo que não tenha sido reduzido ao formato televisivo - com intervalos comerciais, é claro - e exibido aos ávidos telespectadores). Para se tornar um deus completo, falta apenas a onipotência. Mas essa é a tendência, assim como é a rota rumo à entropia e ao tédio, já que midiosfera pretende se impor pela hipnose das luzes brilhantes em eterna repetição auto-referente, sem dar chance para o acaso e a desordem que são os geradores da verdadeira cultura.

Entretanto, esse dia ainda não chegou. Por enquanto, a midiosfera necessita de mãos e olhos verdadeiramente humanos, e não apenas de funcionários, para garantir um mínimo de introdução de novas informações e ideias no sistema de modo a manter-se. Se considerarmos que as ideias apresentadas na midiosfera teriam uma natureza semelhante à dos entes da noosfera, também a forma de lidar com eles pode ser parecida. Segundo Morin, a única maneira de se destruir ou diminuir a importância de um ser da noosfera é tirando dele o olhar e a atenção que o alimentam. Isso seria feito com a introdução de um novo ser que o substituiria. Assim, o culto aos elementos foi substituído pelos deuses gregos e esses, por sua vez, pelas grandes religiões monoteístas.

... há certas condições, como a crise de uma idéia dominante, que favorecem a propaganda epidêmica de ideias que até aí se haviam conservado inibidas, latentes, em recantos marginais; a ruptura de uma regulação social, a paralisia de uma inibição repressiva, deixam o campo livre aos “vírus” das ideias contestatórias, que passam a multiplicar-se de maneira muito rápida; a normalização inibe a sua reprodução, expulsa os vírus, e a idéia regressa à latência, conservada apenas em alguns espíritos/cérebros desviantes. Contudo, como na evolução biológica, pode dar-se uma mutação ligeira ou profunda no mito ou na idéia, alterando-as ou transformando-as. Há reorganizações genéticas na noosfera, que passa por múltiplos processos evolutivos como os que atravessaram a biosfera. (MORIN, 1991, 112 - 113)

Para Flusser, o desafio dos produtores de imagens, dos imaginadores humanos que não se tornaram funcionários, é agir contra os programas dos aparelhos no interior dos próprios programas. É “imaginar”, ou seja, concretizar o abstrato por meio dos aparelhos disponíveis atualmente. Ele argumenta que a sociedade emergente se organiza não mais em grupos sociais, mas em torno de feixes de imagens sincronizados e sincronizadores, e que com isso se dispersa, se distrai, se isola em indivíduos. Se queremos nos reagrupar novamente em consensos humanistas, devemos nos preocupar não com busca reacionária dos antigos valores, mas sim com os aparelhos e processos de construção dos consensos. As revoluções, diz, são de técnicas e não de políticas, já que essas são possíveis por causa das primeiras e não o contrário. E os “revolucionários”, aqueles que não se contentam com a “felicidade” das massas entretidas e inconscientes, devem construir tecnicamente fios de diálogos para relações intra-humanas em que as imagens, ao invés hipnotizarem as audiências, tenham sua função atual invertida para sacudir os entorpecidos.

É que os novos revolucionários são “imaginadores”, eles produzem e manipulam imagens, eles procuram utilizar sua nova imaginação em função da reformulação da sociedade. Os novos revolucionários são fotógrafos, filmadores, gente de vídeo, gente de software, e técnicos, programadores, críticos, teóricos e outros que colaboram com os produtores de imagens. Toda essa gente procura injetar valores, “politizar” as imagens, a fim de criar sociedade digna de homens. (FLUSSER, 2008, 70-71).

De fato, a política global para a questão das minas terrestres que apregoa seu banimento total, por exemplo, foi definida em 1997 com a abertura para assinaturas do Tratado de Ottawa, que já conta com 159 estados-parte. O Prêmio Nobel da Paz para a iniciativa dado naquele ano e o engajamento de personalidades da política (como a Princesa Diana) e do entretenimento (como o ex-Beatle Paul McCartney), assim como documentários, reportagens e filmes de ficção (como “Tartarugas podem voar”⁹, “Caminho para Kandahar”¹⁰, “Terra de ninguém”¹¹ e até

⁹ Co-produção Irã – Iraque de 2004, onde o diretor Bahman Ghobadi retrata a vida de meninos refugiados curdos catando minas terrestres para revender e aguardando a invasão estadunidense ao Iraque.

¹⁰ Filme de 2001 do diretor iraniano Mohsen Makhmalbaf mostra a tentativa de uma jornalista afegã radicada no Canadá de reencontrar a irmã que pretende se matar para “fugir” da opressão no Afeganistão sob o domínio dos Talebans. Uma das cenas de maior impacto do filme é quando um avião de “ajuda humanitária” lança do céu centenas de muletas disputadas no solo pelos refugiados mutilados, muitos dos quais provavelmente por minas terrestres.

¹¹ Vencedora do Oscar de Melhor Filme Estrangeiro em 2002, a película de Danis Tanovic trata de uma “situação-limite” durante os conflitos nos Bálcãs em que soldados da Sérvia e da Bósnia, junto com um representante da ONU e uma jornalista, têm de decidir o que fazer com um companheiro deitado sobre uma mina terrestre em uma trincheira entre os fronts de batalha.

“Amor sem fronteiras”¹²⁾ sem dúvida contribuíram para que o debate penetrasse nos grandes feixes de imagens, nos meios de comunicação de massa e, portanto, no imaginário coletivo.

Mas o processo falho e preguiçoso da mídia, repetindo sempre os mesmos dados e sendo referenciada pelas imagens pré-produzidas nas antigas ou novas guerras no Sudeste Asiático, na África, no Oriente Médio e na Guerra Fria, não permitiu que a América Latina fizesse parte do quadro, apesar de termos 11 países com campos minados no continente. Isso e a “coincidência” do Ministro da Defesa e do Vice-Presidente da Colômbia (responsável pelo Observatório de Minas Antipessoal, que recolhe os dados sobre vítimas e promove as políticas do setor) fazerem parte das famílias que controlam o principal jornal e a maior rede de televisão do país. Obviamente, para o governo é mais cômodo e politicamente interessante insistir na problemática usual. Assim, poucos sabem que a Colômbia está desde 2005 no primeiro lugar do ranking de novos acidentes com minas (com dois a três registros oficiais por dia), desbancando os líderes históricos (Afeganistão e Vietnã), superando em muito os países africanos e vai ficar lá pelo menos pelos próximos 50 ou 60 anos (o tempo de “vida útil” de uma mina plantada no solo, já que os campos continuam a ser minados) (Figura 7).

Figura 7



As minas terrestres têm mutilado milhares de civis em 11 países na América Latina

¹² O dramalhão de Martin Campbell lançado em 2003 narra os encontros e desencontros de dois ativistas humanitários em atuações dos astros Angelina Jolie e Clive Owen mostrando os temas sempre iguais de miséria e guerra no Sudeste Asiático e na África. Para completar, na cena final a heroína morre na explosão de uma mina terrestre no Leste Europeu.

Se quisermos mudar a realidade das pessoas em regiões afetadas por minas na América Latina, de nada adiantar atuar na política tradicional, que no entanto tem sido eficiente no tratamento da questão em outros lugares do mundo há 12 anos e cujo principal instrumento, o Tratado de Ottawa, foi assinado por todos os países das Américas, com exceção de Estados Unidos e Cuba. A ação deve ser midiática! Devemos introduzir nos grandes feixes de imagens a “informação nova”, a ideia de que o foco do problema precisa mudar de região geográfica e desse modo alterar a visão que o mundo tem da questão das minas aumentando a visibilidade da América Latina e diminuindo a luz sobre Sudeste Asiático, África e Oriente Médio.

Entretanto, pelos motivos expostos acima, não podemos contar com os funcionários e os sistemas tradicionais da mídia. Temos que usar as brechas existentes de maneira inteligente, subvertendo os aparelhos por dentro. Somente isso, no entanto, não tem se mostrado suficiente. Desde 2005 temos trabalhado o tema das minas terrestres na América Latina junto aos meios de informação tradicionais. Publicamos uma matéria de página inteira na Folha de S.Paulo, uma outra de oito páginas com chamada de capa na revista Rolling Stone Brasil, dois artigos no Journal of Mine Action nos EUA e mais dois no portal de notícias em português e espanhol Adital¹³. Realizamos exposições fotográficas sobre o tema no Brasil, Canadá, Jordânia, Espanha, Peru e Venezuela¹⁴. Lançamos em 2007 um elogiado livro tri-lingue (português, espanhol e inglês) sobre o tema¹⁵ e somos os realizadores do único documentário em vídeo sobre o assunto¹⁶ que já foi exibido em festivais internacionais de cinema em 12 capitais brasileiras e na Colômbia, Equador, Cuba, Bolívia, França, Espanha e México. O filme também faz parte da programação da TV Brasil Canal Integración, tendo sido mostrado diversas vezes nas emissoras sulamericanas que fazem parte de sua rede de associados e algumas vezes na TV Senado, no Brasil. Ainda assim, chega a ser frustrante o fato de invariavelmente sermos recebidos com espanto (algumas vezes até com incredulidade) cada vez que repetimos nas dezenas de palestras, seminários e eventos dos quais participamos que a Colômbia é o país com o maior índice de acidentes com minas em todo o mundo e que temos mais dez outros países com minas na América Latina!

Parece-nos, então, que a saída talvez seja continuar tentando introduzir essa informação nova nos grandes feixes de imagens, mas também, e principalmente, criar novos meios

¹³ Os links para os artigos em português estão em <http://mediaquatro.sites.uol.com.br/artigos.html>

¹⁴ Veja em <http://mediaquatro.sites.uol.com.br/minas-expo.html>

¹⁵ Veja em <http://mediaquatro.sites.uol.com.br/minas-livro.html>

¹⁶ Veja em <http://mediaquatro.sites.uol.com.br/minas-video.html>

alternativos de comunicação, fios de relações intra-pessoais que consolidem essas novas imagens nas mentes de um número cada vez maior de pessoas. Além de jornais, revistas e TVs, meios decadentes que se agarram agonizantes às mesmas velhas imagens e fórmulas, precisamos difundir o novo imaginário por meio das novas redes, novos aparelhos, novos *gadgets*. É preciso seguir contribuindo para boletins em papel, rádios livres, revistas segmentadas e jornais murais. Mas criar também novos braços de ação em Chats, Blogs, Twitter, Facebook e Orkut. Utilizar as prensas industriais e impressoras offset, mas “centrar fogo” em celulares, Smartphones, PDAs, Netbooks e câmeras digitais. Continuar “subvertendo” os meios e linguagens proprietários, agentes e beneficiários do “antigo sistema”, para cada vez mais nos aproximarmos dos meios livres, da produção colaborativa, do Creative Commons do software livre. Somente daí podem surgir e transitar com mais liberdade as novas ideias e imagens. E nesse sentido, a “autoria” das informações perde sua importância. Uma vez publicada na Rede, é impossível controlar a divulgação e uso dessas imagens. De fato, se a replicação e a distribuição quase anarquista dessa “nova informação” conseguir “infectar” e mudar o imaginário coletivo em benefício das vítimas reais de minas, não existe qualquer sentido em reivindicar uma suposta autoria sobre a representação de uma realidade objetiva. O paradigma mesmo está em transformação. Que esse novo não-modelo se espalhe como um vírus mutando o próprio centro e os sentidos dos fluxos de informação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONTRERA, Malena Segura e BAITELLO JUNIOR, Norval. “Na selva das imagens: Algumas contribuições para uma teoria da imagem na esfera das ciências da comunicação”. *Significação – Revista brasileira de semiótica*. São Paulo: Annablume, nº 25, outono-inverno 2006, pp. 113-125.

_____. *O mito na mídia: a presença de conteúdos arcaicos nos meios de comunicação*. São Paulo: Annablume, 2000.

FLUSSER, Vilém. *O universo das imagens técnicas – Elogio da superficialidade*. São Paulo: Annablume, 2008.

MORIN, Edgar. *O método IV – As ideias*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1991.

PELEGRINI, Milton. “As inverdades, as meias verdades e as versões do Jornalismo”. *GHREBH*, São Paulo, v. 11, p. 3, 2008. Disponível para download em <http://www.cisc.org.br/revista/ghrebh/index.php/ghrebh/article/viewPDFInterstitial/6/3>